

CONSTRUCIONALIZAÇÃO E PARADIGMATIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES EPISTÊMICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

CONSTRUCTIONALIZATION AND PARADIGMATIZATION OF EPISTEMIC CONSTRUCTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Letícia de Almeida Barbosa¹

RESUMO

Este artigo apresenta um refinamento das análises sobre as construções parentéticas epistêmicas (doravante CPE), para apresentar os micropassos da mudança e a paradigmatização das construções de base verbal, adjetival e nominal no português brasileiro. Considerando que, segundo Barbosa (2023), as CPE consolidam-se como construções adverbiais modais por meio de construcionalização gramatical, mudança que consiste na criação de um novo nó na rede dos modalizadores, busca-se, por intermédio da taxonomia contextual de Diewald e Smirnova (2012), descrever os quatro estágios da mudança, considerados pelas autoras como *atípico*, *crítico*, *isolante* e *paradigmático*. Para esta análise, optou-se pela pesquisa em *corpora* constituído de um conjunto de cartas escritas entre os séculos XVIII e XXI, e de amostras de língua falada que registram a variedade do português brasileiro no interior paulista (Gonçalves, 2007). Os resultados encontrados mostram que os subesquemas descritos em Barbosa (2023) evidenciam estágios distintos que são gerados por meio de mudanças construcionais que levam o esquema genérico a alcançar a construcionalização gramatical.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização. Paradigmatização. Construções Epistêmicas.

ABSTRACT

This paper presents a refinement of the analyzes on epistemic parenthetical constructions (EPC) to present the microsteps of change and the paradigmaticization of *verbal*, *adjectival* and *nominal* in Brazilian Portuguese. According to Barbosa (2023), EPC are consolidated as modal adverbial constructions through grammatical constructionalization, a change that consists of the creation of a new node in the network of modalizers. With the contextual taxonomy of Diewald and Smirnova (2012), it's possible to describe the four stages of change, considered by the authors as *atypical*, *critical*, *isolating* and *paradigmatic* contexts. The analysis of empirical data is based on a corpus consisting of letters written by Brazilian missivists between the 18th and 21st centuries, supplemented, in the latter period, by texts of letters and chronicles published in Brazilian online magazines and samples of speech from a variety of BP (Gonçalves, 2007). The results found show that the subschemes described in Barbosa (2023) demonstrate distinct stages that are generated through constructional changes that lead the generic schema to achieve grammatical constructionalization.

KEYWORDS: Constructionalization. Paradigmatization. Epistemic constructions.

Introdução

O comportamento das construções parentéticas epistêmicas (doravante CPE) é investigado por diversos autores, entre os quais Casseb-Galvão (1999, 2000), Gonçalves (2003, 2015), Fortilli (2013), Carvalho (2017) e Barbosa (2019, 2023). Sob o viés da abordagem construcional (Croft, 2001;

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE) e membra do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas (GESF), leticiaalmeidabarboza@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9386-8199>.

Goldberg, 2006; Traugot; Trousdale, 2013), essas construções têm revelado diversos micropassos que atestam gradiência e mudança linguística.

Barbosa (2023) atesta que CPE de base *verbal*, *adjetival* e *nominal*, tais como as apresentadas em (1), originam-se de esquemas de subordinação e consolidam-se na rede de construções modais do português brasileiro (doravante PB) como um novo esquema construcional que se dá por meio da *construcionalização gramatical*, processo responsável pela consolidação dos usos apresentados a seguir:

- (1) [[([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]]_{CONSTRUÇÃO PARENTÉTICA EPISTÊMICA}
- a. Fico pensando no que ela pode me dar e antecipadamente sofro os choques que **imagino** estejam reservados para mim [20,1 CP BA]
 - b. cresci... estudei fiz Turismo na Unorp... (**claro**)... morei em Cuiabá também... um ano... [AC-051-NE, L.29]
 - c. Os cidadãos de meia-idade tiveram de se reinventar no cotidiano do trabalho, com a adesão maciça ao home office. Mas, seis meses depois do início da quarentena, pode-se afirmar que as crianças e os adolescentes... Houve, **é verdade**, um louvável empenho das instituições escolares para oferecer aulas por vídeo nesse período (Revista Veja Abril – Carta ao leitor: Uma lição necessária)

Em estudo pancrônico, Barbosa (2023) evidencia aspectos sintático-semânticos como a mobilidade sintática, alteração de escopo e ausência de cópula em CPE nominais que comprovam a consolidação das CPE na rede adverbial modal do PB. Segundo a autora, é somente a partir do século XX que o estatuto adverbial das CPE é definitivamente alcançado, devido ao aumento da variabilidade de posição, que é típica dos adverbiais e a possibilidade de escopo parcial, aspectos característicos da categoria adverbial.

Considerando que o surgimento das CPE se encontra amplamente descrito em Barbosa (2023), neste artigo, focaliza-se o aspecto contextual dessas construções. Para tanto, investiga-se o *cline* contextual que se materializa na existência dos contextos *atípico* e *crítico* que resultam de mudanças construcionais; do contexto *isolado*, quando há diferenciação dessas construções dentro da rede, resultado da construcionalização gramatical, e *paradigmático*, momento em que essas construções passam a compor o inventário das construções adverbiais modais no português.

Visando à descrição dos contextos mencionados acima, este artigo estrutura-se da seguinte maneira: na primeira seção, são apresentados os Modelos Baseados no Uso e as etapas contextuais de Diewald e Smirnova (2012), aspectos teóricos relevantes para esta análise; na segunda seção, são expostos os aspectos metodológicos que embasam a interpretação analítica do fenômeno; a terceira seção contempla as análises e interpretações dos dados; e na última seção, apresentam-se as considerações finais.

1. Os Modelos Baseados no Uso

Ancorando-se na abordagem construcional dos Modelos Baseados no Uso (*MBU*, daqui em diante), compreende-se a língua como um inventário constituído por pareamentos de forma e significado organizados em rede (Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2013; Goldberg, 1995, 2006). Para os *MBU*, a língua não deve ser concebida como um produto pronto e acabado, mas como um sistema adaptativo complexo, pois, apesar de exibir estrutura aparente e regularidade de padrões, ela exibe, ao mesmo tempo, variação e gradiência (Bybee, 2016, p. 17).

De acordo com Barlow e Kemmer (2000), os *MBU* atuam com base em oito princípios básicos que estão sintetizados a seguir:

- a. *Frequência de uso*: com a rotinização, novas construções vão sendo consolidadas na língua e, conseqüentemente modelam o sistema linguístico;
- b. *Compreensão e produção integradas*: estrutura e comportamento mental encontram-se integrados, pois performance é parte da competência do falante;
- c. *O foco na experiência durante a aquisição da linguagem*: durante o processo de aprendizagem, produção e compreensão são significativos, visto que, primeiramente, as crianças dominam o uso de certas construções e só depois assimilam o uso de padrões linguísticos que regulam a gramática;
- d. *A emergência das representações linguísticas*: o conhecimento linguístico emerge do uso e não é aleatoriamente estocado no sistema cognitivo, pois surge dentro de um contexto sociocomunicativo;
- e. *A importância dos dados de uso*: as teorias linguísticas devem se pautar no uso efetivo da língua, a partir de dados empíricos em corpora;
- f. *Uso, variação sincrônica e mudança diacrônica*: quanto mais os usuários da língua se interagem, maior é a padronização de usos. O falante é a fonte de pequenas mudanças que, em cada estágio, operam as motivações que afetam percepção e produção;
- g. *Sistema linguístico e processos cognitivos gerais*: os processos cognitivos que operam no uso da língua são os mesmos que operam em outros domínios da cognição;
- h. *O papel do contexto*: os significados emergem no contexto que influenciam todos os aspectos da língua(gem) e são capazes de moldar todo sistema linguístico.

O conjunto de princípios apresentados acima evidencia a compreensão do surgimento e da regularização de padrões linguísticos de uso, a partir da consideração dos fatores internos e externos que atuam no processamento da linguagem. Assim, busca-se analisar a linguagem de modo mais amplo, abrangendo além da sua dimensão formal, a dimensão semântica e contextual do sistema linguístico.

A concepção de língua como um sistema adaptativo complexo, cuja estrutura emerge no uso (Hopper, 1987, p. 156), dá ênfase à atuação de processos cognitivos de domínio geral que subjazem

a qualquer atividade humana. Com base nessa premissa, Bybee (2016), ao tratar do modo como esses processos atuam sobre a língua, destaca cinco mecanismos de domínio geral que permitem compreender o modo como a cognição processa a linguagem humana.

O primeiro mecanismo cognitivo apresentado em Bybee (2016) é a *categorização*, entendido como um emparelhamento inconsciente de unidades que ocorrem quando palavras ou construções são associadas a conhecimentos já existentes na mente humana.

Segundo Bybee (2016):

Categorias de exemplares construídas por meio da experiência (em vários domínios) exibem efeitos prototípicos, os quais derivam de pertencimento graduado a uma categoria: alguns exemplares são membros mais centrais da categoria enquanto outros são marginais (Bybee 2016, p. 131).

No domínio da linguagem, a *categorização* pode ser visualizada quando, a partir de um exemplar já existente, o falante é capaz de relacionar outros usos linguísticos considerando as características compartilhadas entre ambos.

Para ilustrar como esse mecanismo processa-se na linguagem, toma-se, como exemplo, o conjunto dos verbos cognitivos *achar*, *calcular* e *supor*. Esses predicados, por apresentarem ao menos uma nuance modal em sua matriz semântica, são recrutados para o domínio *epistêmico* para atuarem ao lado de construções como *crer* e *acreditar* que já são modais por natureza. Assim, em um enunciado como “A reunião será produtiva, *eu acredito*”, a CPE *eu acredito* poderia ser substituída, sem prejuízo de significado, por *eu acho*, *eu calculo* ou *eu suponho*.

O segundo mecanismo cognitivo que atua na linguagem humana é a *analogia*, explicada em Bybee (2016) como um processo cognitivo de domínio geral basilar à mente humana. Aplicado ao domínio da linguagem, esse mecanismo contribui para a criação de novos enunciados em contextos distintos a partir de experiências linguísticas prévias.

Nos dizeres de Bybee (2016), a analogia constitui:

[...] uma fonte importante de criatividade e produtividade na língua que permite a expressão de novos conceitos e a descrição de novas situações é a habilidade de expandir posições esquemáticas nas construções, para preenchê-las com novos itens lexicais, sintagmas ou outras construções. Evidência significativa desse processo se refere a conjuntos específicos de itens que foram previamente usados e armazenados na memória (Bybee, 2016, p. 99).

Na esteira dos mecanismos cognitivos, há a *memória enriquecida*, considerada como um dos processos que se constitui a partir das experiências vividas e estocadas em formas de representações cognitivas. A principal função da analogia é o armazenamento de categorias linguísticas e não linguísticas, pois sua atuação ocorre em diversos domínios do conhecimento humano.

No uso da linguagem, a *memória enriquecida* é concebida como a “estocagem mental de detalhes da experiência humana com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas,

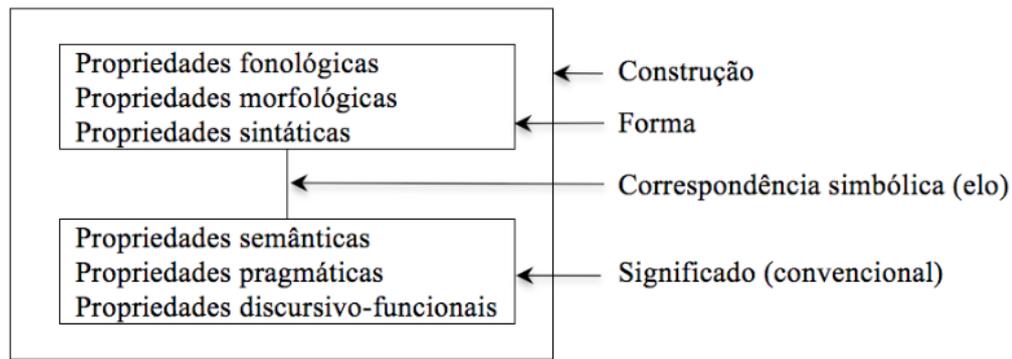
contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados” (Bybee, 2016, p. 27). Esse mecanismo permite que o armazenamento de características decorrentes da experiência do indivíduo com a língua e apresenta relação intrínseca com o processo de categorização, pois ele tem como principal fator o armazenamento de categorias linguísticas e não linguísticas. Para além do domínio linguístico, a atuação da *memória enriquecida* permite que o indivíduo compreenda novos conceitos a partir de conhecimentos prévios.

Outro mecanismo cognitivo importante para a compreensão das construções é o *chunking*, que pode ser concebido como um agrupamento de unidades. Esse processo, no domínio geral da cognição, constitui-se a partir de exemplares construídos com base em experiências consideradas idênticas. Essas experiências exercem impacto nas representações cognitivas e na estrutura neurológica do indivíduo, desenvolvendo *chunks*, ou seja, sequências “embaladas” juntas na cognição humana.

O *chunking* faz com que sequências de unidades linguísticas sejam combinadas, formando unidades mais complexas, porém de processamento mais simples. Esse fenômeno torna-se possível a partir da repetição, que é responsável pelo aumento da frequência de uso, possibilitando que duas ou mais construções sejam processadas como uma só unidade. Esse processo pode ser visto em usos com o morfema *-mente* do português, pois, quando esse morfema é somado aos adjetivos *feliz* e *legal*, possibilita o surgimento das construções adverbiais *felizmente* e *legalmente*, altamente frequentes no PB.

A *associação transmodal*, outro processo cognitivo de domínio geral, relaciona-se à atuação simultânea dos sentidos sob a percepção dos objetos dentro de um contexto específico, assim, os processos implícitos que atuam na detecção de padrões ocorrem entre os níveis encadeados mais altos de nódulos ativados. Por estar implícita no uso da linguagem, a *associação transmodal* permite ao falante identificar o padrão de uso e, em seguida, associá-lo a um pareamento de forma e significado já existente no sistema linguístico.

A língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós ligados por elos, e as associações entre esses nós expressam elos de herança (Langacker, 1987), o que permite identificar construções de origens distintas ligadas em uma mesma rede. Considerá-la um inventário de construções estruturado por meio de redes construcionais leva-nos à interpretação de que toda a arquitetura da língua(gem) é composta por *links* simbólicos de forma e sentido, tal como define Croft (2001):

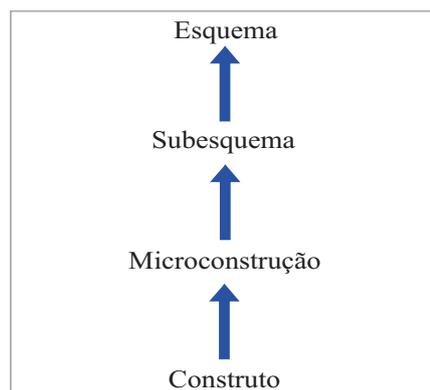
Figura 1: A estrutura simbólica de uma construção

Fonte: Croft (2001, p. 18; tradução da autora)

Com base na representação simbólica da construção esquematizada na figura acima, entende-se que a língua se desenvolve por meio da relação entre as propriedades da forma e as propriedades do sentido, articuladas por meio de um elo de correspondência simbólica, que liga propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas a propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas.

Postula-se em Traugott (2008) que, embora as construções tenham o estatuto de independentes, elas encontram-se ligadas a um sistema hierárquico que apresenta diferentes níveis de esquematicidade, podendo, ainda, se interseccionarem.

Traugott e Trousdale (2013) apresentam uma proposta atualizada para a hierarquia construcional, e substituem os termos *macroconstruções*, *mesoconstruções* e *microconstruções*, de Traugott (2008). Os autores reforçam que a língua pode ser compreendida como uma hierarquia organizada em três níveis: *esquemas*, *subesquemas* e *microconstruções*, como se vê abaixo:

Figura 2: Níveis construcionais

Fonte: Elaboração da autora.

Na figura acima, notam-se quatro diferentes níveis que apresentam diferentes graus de generalidade. Os *construtos* são os *tokens* empiricamente comprovados, o lócus da mudança.

As *microconstruções* correspondem às construções individuais já convencionalizadas, e os *subesquemas* representam as características compartilhadas por diferentes microconstruções. O nível do *esquema* apresenta natureza altamente genérica e abstrata, pelo fato de englobar todas as características sintático-semânticas apresentadas nos níveis inferiores.

Consoante Traugott e Trousdale (2013), para caracterizar uma construção, devem ser considerados três parâmetros de análise: *esquematicidade*, *composicionalidade* e *produtividade*.

A *esquematicidade* define-se como generalizações que evidenciam a abstratização de construções linguísticas na mente do falante. Para explicar a *esquematicidade*, Traugott e Trousdale (2013) consideram o aumento de polissemia e os graus de abstratização de uma construção, assim, quanto mais ela se torna polissêmica, maiores possibilidades de uso e graus de abstratização são evidenciados.

Como explicação desse parâmetro, Bybee (2016) sugere que as construções são esquemáticas, porque podem conter partes fixas e partes variáveis, representadas por *slots* que podem ser preenchidos por itens semanticamente relacionados, definindo, dessa forma, construções com significado mais geral ou mais restrito, a depender dos critérios sintático-semânticos de seleção dos elementos linguísticos de cada *slot*.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), o parâmetro *composicionalidade* está intimamente ligado ao grau de transparência entre forma e significado. Para os autores, ela se refere à extensão do significado de uma dada construção, ou seja, se o significado resulta da soma do significado das partes da construção, ele é considerado composicional; se o significado se forma a partir do todo da construção, e é autônomo em relação às partes que a compõem, será, portanto, não composicional.

Somado ao parâmetro semântico apresentado acima, a composicionalidade sintática também pode ser avaliada no reconhecimento de uma construção. Uma construção é menos composicional sintaticamente, quando a integridade morfosintática de suas subpartes perde propriedades gramaticais da categoria fonte, e mais composicional sintaticamente, quando essas propriedades morfosintáticas se mantêm.

Em relação à *produtividade* de uma construção, segundo Traugott e Trousdale (2013), ela se refere ao grau com que os esquemas mais abstratos sancionam outras construções menos esquemáticas e o quanto esses esquemas são restringidos, passando a ser especificados a partir do grau de restrição de seus *slots*. Assim, para mapear o grau de produtividade de uma construção mais esquemática deve-se investigar sua capacidade de atrair construções menos esquemáticas na língua.

Destaca-se que o parâmetro *produtividade* envolve a frequência *type* e *token* de uma construção. A frequência de tipo (*type frequency*) é ligada ao nível mais esquemático da construção, podendo ser verificada no subesquema ou na microconstrução. A frequência de ocorrência (*token frequency*) é recuperada e associada tanto à frequência de uma dada construção quanto à frequência de um construto. Nesse sentido, a análise da frequência *type* e *token* será visualizada com base no nível analisado, ou seja, o nível da rede em que se opera.

Em Barbosa (2023), a análise da *esquematicidade, composicionalidade e produtividade* das CPE amplia a compreensão da natureza dessas construções, no que diz respeito ao seu desenvolvimento enquanto construções adverbiais modais.

Além dos pressupostos até aqui apresentados, para compreensão da organização das redes de construções, destacam-se, em abordagem construcional, dois tipos fundamentais à configuração e reconfiguração de redes: a *construcionalização* e a *mudança construcional*.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013):

Construcionalização é a criação de signos a partir da combinação entre uma nova forma e um novo significado. Surge, desse modo, um novo nó com uma nova sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística dos falantes. Esse processo é acompanhado por mudanças nos níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos, atestando, assim, a gradualidade do processo (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22, tradução da autora).²

Para os autores, a *construcionalização* ocorre associada ao processo de *neoanálise* (nova análise) das propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, mudanças que afetam a esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções. Traugott e Trousdale (2013) apresentam dois tipos de construcionalizações que podem ocorrer no processo de mudança: *lexical* e *gramatical*.

Construções que apresentam mudanças na forma e no significado e passam a funcionar como elementos lexicais, como substantivos e verbos, caracterizam processos de *construcionalização lexical*. Quando se trata de mudanças na forma e no significado que levam construções a funcionar como elementos gramaticais, como pronomes ou operadores textuais, são caracterizados processos de *construcionalização gramatical*.

A *mudança construcional* afeta os subcomponentes de uma construção, ou seja, seus fatores sintáticos, morfológicos, fonológicos, semânticos e pragmáticos (Traugott, 2012). Nesse processo não há uma mudança em todos os subcomponentes da construção, mas apenas no polo da forma ou do significado/função.

Neste artigo, parte-se da comprovação de que as CPE resultam de *construcionalização gramatical*, visto que as análises dessas construções em Barbosa (2023) revelam a existência de um esquema genérico $[(COP)] ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que)]_{CPE} \leftrightarrow \text{modalização epistêmica}$ que consolida três subesquemas com base distintas: $[(EU)] [PRED]_V ([EU]) ([que)]_{CPE}$, $[[É] [PRED]_N]_{CPE}$ e $[[É] [PRED]_{ADJ}]_{CPE}$ no PB.

Em Barbosa (2023), o surgimento das CPE é amplamente descrito por meio do detalhamento das mudanças construcionais que desencadeiam uma construcionalização gramatical representada pelo novo pareamento de forma e sentido.

² Constructionalization is the creation of form new-meaning new (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

Para ampliar ainda mais a compreensão da gradualidade da mudança, o presente artigo descreverá, com base na proposta de Diewald (2006) e Diewald e Smirnova (2012), os contextos de surgimento de uma construção, seguindo os estágios apresentados no quadro abaixo:

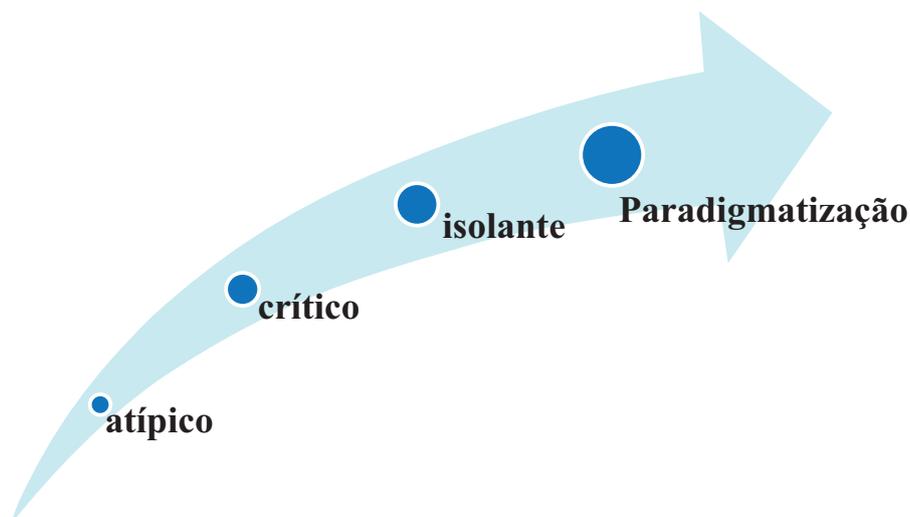
Quadro 1: Tipos de contextos em gramaticalização

Estágio	Contextos	Características
Pré-condições de gramaticalização	Atípico	Implicatura conversacional
Desencadeamento do processo de gramaticalização	Crítico	Opacidade múltipla
Reorganização e diferenciação	Isolamento	Polissemia
Integração paradigmática	Paradigmatização	Oposições/distinções paradigmáticas com significados gramaticais

Fonte: Adaptado de Diewald, 2006, p. 4.

Segundo o quadro acima, a mudança por gramaticalização inicialmente ocorre em contextos *atípicos*, que evidenciam polissemia e inferências ao nível pragmático-discursivo; em seguida, o uso em mudança passa a ocorrer em contextos *críticos*, pois, além da ambiguidade semântica gerada no estágio anterior, ocorre a opacidade estrutural, estágio em que a categoria gramatical já não é mais tão evidente. Posteriormente, a mudança consolida-se no contexto *isolado*, visto que o novo uso se diferencia em relação àquele que lhe serviu de fonte, passando a concorrer com o uso anterior em contextos específicos, e por fim, as autoras propõem a *paradigmatização*, estágio no qual ocorre a inserção do novo item isolado numa específica categoria gramatical da língua.

Figura 3: Os estágios de surgimento de uma construção



Fonte: Elaboração da autora.

Ressalta-se que, neste artigo, focaliza-se o último estágio proposto em Diewald e Smirnova (2012), sob a hipótese de que, logo após o estágio de isolamento, as CPE do PB descritas em Barbosa (2023) consolidaram-se por meio de *construcionalização gramatical*, momento em que a perda de complementizador *que* e escopo parcial tornam-se evidentes.

Para ampliar a compreensão dos micropassos de mudança situados em cada um dos contextos, cada estágio será minuciosamente descrito na quarta seção deste artigo, cujo foco é a análise e a discussão dos resultados. Assim, na próxima seção, será apresentada a metodologia utilizada para alcançar os objetivos desejados nesta pesquisa.

2. Metodologia da pesquisa

Neste trabalho, a investigação dos contextos de surgimento das CPE é de ordem qualitativa e tem como base a utilização de dados de língua fala e de escrita, visto que tais modalidades não se excluem, ao contrário, se completam, em um contínuo composto por traços que as diferenciam, mas que também as aproximam (Koch, 2004).

Abaixo, apresentam-se as fontes das amostras seguidas de um detalhamento de como realizou-se o recorte:

- Tycho Brahe;
- Projeto Para História do Português, Bit-Prohpor;
- Revistas *on-line*: *Veja*, *Superinteressante*, *Galileu* e *Subjetiva*, e cartas do leitor disponíveis na *Folha.com*;
- Banco de dados do Centro de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Araraquara, disponível para consulta na sede do Projeto (para ampliação da amostra);
- Banco de Dados do Iboruna (Gonçalves, 2007) – Amostra Censo

Para a investigação dos contextos de surgimento das CPE entre os séculos XVIII, XIX e XX, optou-se pela modalidade “cartas”, organizando-se um conjunto de amostras de cartas oficiais, cartas da administração pública, cartas de leitores e redatores, cartas particulares e cartas pessoais. Com o objetivo de elaborar uma amostra representativa do PB, a seleção de cartas contempla missivistas de diversos estados do Brasil, de forma a evitar tendências de um único espaço geográfico.

Compostas por um pouco mais de trezentas mil palavras, essas amostras distribuem-se em três sincronias, cada uma com uma média de 105 mil palavras. Com o objetivo de elaborar uma amostra representativa do PB, a seleção de cartas contempla missivistas de diversos estados do Brasil, de forma a evitar tendências de um único espaço geográfico. Para o PB do século XXI, tendo em vista a escolha por manter cartas como gênero norteador, selecionaram-se, inicialmente, todas as cartas ao leitor disponibilizadas por quatro revistas *on-line*: *Veja*, *Superinteressante*, *Galileu* e *Subjetiva*, e cartas do leitor disponíveis no site *Folha.com*, de responsabilidade do jornal Folha de São Paulo.

Para a modalidade falada do século XXI, foi utilizado o Banco de Dados do Iboruna (Gonçalves, 2007), mais especificamente a Amostra Censo (AC). Trata-se de um banco de dados de médio porte,

com pouco mais de 1 milhão de palavras, e composto por dois tipos de amostras de fala do interior paulista: Amostra Censo (AC), com 151 entrevistas sociolinguisticamente controladas, e Amostra de Interação Dialógica (AI), com 11 interações dialogadas, coletadas secretamente em situações de livre interação social.

O intuito de incluir amostras de fala na investigação diacrônica deve-se tão somente ao interesse de reunir, tanto quanto possível, uma maior diversidade de padrões de CPE. A tabela abaixo mostra a quantidade de dados encontrados entre as quatro sincronias:

Tabela 1: CPE de base verbal e adjetival entre os séculos XVIII a XXI

Forma de base	XVIII	XIX	XX	XXI	Σ
Verbal	2	4	22	66	94
Adjetival	-	-	45	55	100
Nominal	1	1	19	3	24
Σ	3	5	86	124	218

Fonte: Elaboração da autora.

A seguir, serão apresentadas as discussões acerca do surgimento das CPE de base *verbal*, *adjetival* e *nominal* no PB. Para esta investigação, toma-se como base os pressupostos de Diewald (2006) e Diewald e Smirnova (2012), já discutidos na seção anterior, serão analisadas algumas ocorrências que comprovam a existência dos quatro estágios propostos e corroboram para a compreensão da gradualidade da mudança na abordagem construcional.

3. Análise e discussão dos resultados

O mapeamento dos estágios da mudança das CPE de base verbal, adjetival e nominal permite um maior detalhamento do *continuum* descrito por Barbosa (2023). No PB, o novo pareamento de forma e significado leva essas construções à mudança de categoria, diferenciando-as dos usos de origem.

No contexto atípico, primeiro estágio da mudança, as CPE aparecem em contextos de encaixamento, evidenciando modalidade epistêmica, como se vê em (1), (2) e (3):

- (1) **Acho que ele não considera a possibilidade de cidades como Volta Redonda, Campinas, São José dos Campos e Jundiaí se beneficiarem** com a expansão imobiliária (São Paulo, SP - Cartas do leitor - *Folha.com*)
- (2) Permitir a Marcha da Maconha seria como permitir manifestações pelo aborto ou pela pena de morte. Cenas típicas de ditadura não devem ser mais aceitas pela sociedade. **É óbvio que o Estado deve seguir o protesto da marcha de perto** e não permitir afronta aos que pensam de outra forma. Mas, de uma vez por todas, precisamos ver e ouvir todas as diferentes visões sobre os mais variados temas, só assim poderemos evoluir socialmente. (Cartas ao leitor – Antônio Palocci, Marcha da maconha, alcoolismo, Ustra - *Folha.com*)

- (3) A Mariana, com seu olhar inocente, não sabe o que se passa lá fora. O seu mundo é cercado de colo e de carinho. **É verdade que**, às vezes, *perdemos um pouco a paciência*. Fora isso, Mariana só recebe amor. Uma avalanche de amor por todos os lados. (Mimimi – Crônicas – Revista Subjetiva)

Os usos em que as CPE ocorrem acima já se encontram em contextos atípicos, pois apresentam os primeiros indícios, ou pré-condições para a formação de novos advérbios modalizadores.

Nesses contextos, há uma expansão que possibilita às construções um significado sugerido, que aparece como uma implicatura conversacional cujo significado, para as de base verbal, pode ser traduzido como *dúvida/incerteza*, e, para as de base adjetival, como expressão de *certeza categórica*.

Em Barbosa (2023), usos como *acho que, parece que, é verdade que* caracterizam o primeiro micropasso da mudança, pois, mesmo com a presença do complementizador *que*, elas não configuram o encaixamento sintático.

O segundo estágio proposto em Diewald e Smirnova (2012) gera opacidade múltipla, pois se perde a possibilidade de identificar a categoria gramatical a qual pertence, uma vez que a construção indica, simultaneamente, características de predicador e advérbio.

A seguir, nas ocorrências (4) e (5), as construções *acho que* e *é verdade que* deslocam-se para posição medial e deixam de apresentar um encaixamento sintático, configurando um contexto crítico da mudança. Em (6), observa-se o apagamento de cópula, característica considerada em Fortilli (2013) e Barbosa (2023) como o indício da mudança das construções de base adjetival, e conseqüentemente, um exemplar do contexto crítico proposto em Diewald e Smirnova (2012).

- (4) Inf.: oito... doEU... assim::... o que doeu mais foi na hora do pon::to... que eu acho que... na hora que eu machuquei num:: foi muita dor não.

Doc.: não?... e depois? você ficô(u) de repo::uso?

Inf.: fique::i **acho que**:: *uma semana um mês uma semana... eu num sei se/ eu acho que já tava pra chegá(r) as férias aí eu acho que eu fiquei uma semana... duas... sem í(r) na escola... mas foi um MÊS de repo::uso... (BDI – AC – 009 – NE: L. 109)*

- (5) Seu intimo amigo e coniventes **é verdade que** *ellas naõ foraõ ainda aprovadas*, mas espera-se que agora o sejaõ, e naõ tenhaõ a mesma sorte que outra ora tiveraõ as mal dirigidas deligencias do incansavel Antonio d'Arruda e Amaral, que achou no Capitam Ioze Correia, hoje seu mais cordial amigo a mesma opposiçaõ. (Livro de Notas / Lançamento de Sesmaria – PHPP - Século XIX)
- (6) Ø **Claro que** *serão anos muito difíceis para o país*, mas, como ocorreu na Argentina, com um plano independente e desenvolvimentista, poderá recuperar sua economia e sua autoestima. (Leitor comenta com ceticismo crise grega - Cartas ao leitor - *Folha.com*)

Ao deslocar-se para a posição medial, as construções de base verbal e adjetival desencadeiam seu real do processo de mudança, que pode ser visualizado por meio do surgimento de um uso particular caracterizado por inúmeras ambiguidades sintático-semânticas, que levam o interlocutor a várias interpretações possíveis.

Em contextos isolantes, como pode ser visto em (7) e (8) consolida-se o processo de gramaticalização³, pois surge o novo significado gramatical, que se isola do significado anterior, desvinculando-se dele, assim, embora o segundo uso tenha surgido do primeiro, devido aos contextos específicos, há uma quebra de dependência entre ambos.

- (7) Doc.: como que é a biblioteca? Inf.: a biblioteca tem::...dois computadores... éh::... seis MEsas... mais ou menos... e VÁRIOS LIVros... *uns troféis que o:::...colégio ganhô(u) eu acho...* (BDI - AC-0013-NE: L. 54)
- (8) Quando terminei o filme, olhei em volta e me vi sozinho, deitado, sem sono, e sem vontade de fazer nada. Já estava assim há três dias. Não por tristeza ou algo do tipo. Pelo contrário. Me sinto confortável, e consigo assumir sem culpa que essa condição também faz parte da minha natureza humana. Ficar sozinho, fazendo nada, por mais que pareça um desperdício de existência, a cada dia se torna uma das minhas atividades favoritas. Também amo ver pessoas, encontrar amigos, viajar *e me divertir de diversas formas, é claro*. Mas é um estilo de vida cansativo. (Carpie diem? - Cartas ao leitor - *Revista Subjetiva*)
- (9) (...) foi **acho** a fase *pi:::or da minha vida...* (BDI - AC - 022 - NE: L. 39)
- (10) Enfim, 1968 não foi um ano qualquer — *outros tiveram imensa relevância, é verdade*, como 1848, o da Primavera dos Povos na Europa; ou 1989, o ano da queda do Muro de Berlim. Mas nenhum deles ecoou tanto...(Um grande ano para Veja - Carta ao Leitor, Revista Veja Abril)

Esses contextos isolantes evidenciam a existência de construções polissêmicas, visto que podem ser acessadas na língua como predicados ou advérbios modais. Em contexto isolado, há dois subesquemas no PB: o primeiro $[(\text{EU}) [\text{PRED}]_v (\text{EU}) [\text{que}]]_{\text{CPE}}$ formado pelas microconstruções *creio que* e *creio eu*, e $[[\text{É}] [\text{PRED}]_N]_{\text{CPE}}$ pela microconstrução *é verdade*. Embora esses subesquemas já estejam presentes desde o século XVIII, eles vão se consolidando a partir das demais sincronias com o aumento da frequência *type* e *token*. No século XIX, novas microconstruções são recrutadas ampliando a produtividade da rede de CPE no PB.

O subesquema de base verbal $[(\text{EU}) [\text{PRED}]_v (\text{EU}) [\text{que}]]_{\text{CPE}}$ passa a licenciar as microconstruções *parece (que)* e *julgo*, que atuam juntamente com *creio que* e *creio eu*. Os usos entre (5) e (8) atestam a mudança devido à mobilidade sintática adquirida, no entanto, nessa fase, o escopo ainda recai no todo do enunciado, da mesma forma que ocorre em contexto de encaixamento.

³ Destaca-se que o processo de gramaticalização e de construcionalização são considerados complementares, embora o primeiro busque focalizar o item, isoladamente, e o segundo toda a construção analisada, inclusive os seus contextos de uso.

Em Barbosa (2023), comprova-se a hipótese de que, em contextos de parentetização, há a possibilidade de a expressão modal recair sobre um ou outro constituinte da sentença, independentemente da posição que ocupam essas construções.

Na posição *medial*, a tendência mais sutil é a de as CPE de base verbal e adjetival escoparem apenas uma parte do conteúdo. Já as que ocorrem em posição *final* tendem mais sutilmente a incidir sobre o enunciado como um todo. Com a mudança de posição, ocorre o aumento de (inter) subjetividade, que se dá a partir da construção do fluxo de atenção linguístico, que tem como ponto de partida o enunciado e não a marca de opinião.

Quando a construção passa para o contexto de isolamento, ocorre sua reorganização e diferenciação, permitindo a consolidação do processo de mudança e uma posterior *paradigmatização*, estágio de que será apresentado a partir daqui.

Para demonstrar a integração paradigmática das CPE em uma nova categoria gramatical, a seguir, apresentam-se as ocorrências (10), (11) e (12) definidas em Barbosa (2023) como construções adverbiais modais, por apresentarem as seguintes características: (i) mobilidade sintática, visto que podem ocorrer em posição medial e final; (ii) perda de constituintes oracionais, por não apresentarem encaixamento entre matriz e subordinada, e (iii) escopo parcial, podendo modalizar todo o enunciado ou parte dele. Esses aspectos sintático-semânticos, segundo Barbosa (2023), são fundamentais para a consolidação da nova construção gramatical.

A rede do século XX apresenta um novo subesquema que é licenciado pelo padrão genérico [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])] _{CPE} ↔ modalização epistêmica]. O novo subesquema representa a consolidação das CPE no PB, pois, além da ampliação da rede, novas microconstruções são licenciadas.

O subesquema de base verbal [([EU]) [PRED]_V ([EU]) ([que])] _{CPE} passa a recrutar nessa sincronia os *types* (*eu*) *creio* (*eu*), *acredito eu*, *penso eu*, *presumo*, (*eu*) *acho* e *parece*. O subesquema de base nominal [[É] [PRED]_N] _{CPE} recruta os *types* *é verdade* e *é fato*, e o subesquema de base adjetival [([É]) [PRED]_{ADJ}] _{CPE} surge com seis *types* disponíveis (*é*) *claro*, *é lógico*, *é certo*, *é óbvio*, *é evidente* e *é possível*.

- (11) Esse homem, lavrador, creio, andando de noite pela fazenda, caíra em um poço abandonado, sem cobertura, e só fora encontrado horas depois, *de manhã*, **penso eu**. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Correspondências de Vinicius de Moraes: Querido poeta)
- (12) Que o natal e o ano novo te tragam tudo o que você (e **claro eu!**) sempre sonhou (PHPP - Cartas pessoais - De fã para fã)
- (13) Agora, com a entrada de mais seis cursos o que elevou para vinte e três as modalidades colocadas sob a mira da pesquisa, a USP sofreu uma queda considerável. Manteve, **é verdade**, doze primeiros lugares na graduação e chegou a somar duas novas lideranças às dez que conquistara na pós-graduação no ano passado. mas foi pouco. (Século XX –

Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara, Corpus mínimo – Revista Veja)

A parte sublinhada ao lado de cada CPE indica o conteúdo escopado pela construção modalizadora. Nesse novo estágio, a categoria adverbial passa a abrigar essas construções, possibilitando ao usuário da língua utilizá-la entre as que já são pertencentes dessa categoria (talvez, possível, provável, certeza, sem sombra de dúvidas, etc.).

O contexto de *paradigmatização* é constatado no momento em que essas construções passam a escopar parte do conteúdo integrando-se na categoria adverbial, como se vê em (11), (12) e (13).

Na ocorrência em (11), reconhece-se o funcionamento típico de advérbio modal devido ao escopo de *penso eu* que recai em apenas parte do enunciado. Ao focalizar a locução adverbial temporal “de manhã”, o locutor demonstra dúvida acerca do momento da queda do homem. Semelhantemente, na ocorrência (12), nota-se o escopo de *é claro* recaindo apenas no pronome de primeira pessoa “eu”. Ao escopar apenas esse termo, o locutor dá ênfase a sua posição como protagonista ao desejar que o natal traga coisas boas.

Por meio dos contextos de uso encontrados, observa-se que as CPE de base nominal seguem o mesmo caminho das demais. Em usos como o encontrado na ocorrência (13), *é verdade* escopa um constituinte do enunciado, cumprindo sua função enquanto advérbio modalizador epistêmico. No contexto de paradigmática, a trajetória de mudança se completa, originando uma nova construção gramatical.

O quadro abaixo apresenta o processo de integração paradigmática, decorrente dos processos de reorganização e diferenciação, que são observados no contexto de isolamento.

Quadro 2: Integração paradigmática das construções parentéticas epistêmicas

Aspectos sintáticos dos esquemas construcionais	[[[COP]] ([EU)] [PRED] ([EU)] [que]] _{MATRIZ}	[[[COP]] ([EU)] [PRED] ([EU)] ([que)]] _{CPE}	[[[COP]] ([EU)] [PRED] ([EU)]] _{CPE}	[[[COP]] ([EU)] [PRED] ([EU)]] _{CPE}
Posição	Inicial	Medial/final	medial/final	medial/final
Escopo	Total	total	total	parcial
Estatuto adverbial	-	+/-	+	+
Contexto de mudança	Atípico	crítico	isolamento	paradigmatização

Fonte: Elaboração da autora

Ressalta-se que a *construcionalização gramatical* descrita em Barbosa (2023) resulta em isolamento contextual, pois consiste em um momento de diferenciação do esquema [[[COP]] ([EU)] [PRED] ([EU)]]_{CPE} ↔ *modalização epistêmica*.

Segundo Barbosa (2023), a alteração entre as subpartes, a nova ordenação dos constituintes e a perda de conexão sintática visualizada no esquema somadas à função intersubjetiva atestam o novo nó na rede dos modalizadores epistêmicos.

Os subesquemas $[[[EU]] [PRED]_V ([EU]) ([que])]_{CPE}$, $[[[É] [PRED]_N]_{CPE}]$ e $[[[É] [PRED]_{ADJ}]_{CPE}]$ passam a integrar o grupo de construções adverbiais modais e, na sincronia atual, embora a rede não apresente novos subesquemas, alguns *types* como *suponho eu* são licenciados e recrutados pelo subesquema de base verbal; já a construção *lógico*, passa a ocorrer sem cópula como um subesquema das CPE de base adjetival.

Considerações finais

A análise dos processos de mudança das CPE do português evidencia quatro contextos de uso distintos: *atípico*, *crítico*, *isolado*, *paradigmático*. Cada um desses contextos está ligado ao comportamento dessas construções, aos micropassos de mudança e seu encaixamento após a construcionalização.

O contexto *atípico* apresenta de inovador o significado epistêmico que as construções de base verbal, adjetival e nominal expressam na língua em contextos de encaixamento sintático. Embora elas ainda se comportem como predicados, reconhece-se que há um comportamento inovador, pelo fato de evidenciarem alto grau de subjetividade.

O contexto *crítico* é reconhecido no momento em que essas construções epistêmicas adquirem mobilidade sintática, aspecto marcante da adverbialidade, e, embora ainda apresentem a presença do complementizador *que*, passa a ocorrer em posição medial, indicando o prenúncio de um novo estatuto categorial.

Perante os dados analisados, interpreta-se como contexto de *isolamento* o momento em que há apagamento do complementizador *que*, mudança que desencadeia a diferenciação entre os subesquemas analisados. Com o aumento da independência sintática, o subesquema $[[[COP]] ([EU]) [PRED] ([EU])]_{CPE}$, definitivamente, adquire o estatuto adverbial.

O contexto *paradigmatização* torna-se evidente quando as CPE, além de desvincularem-se morfossintaticamente das sentenças que se associam, passam a escopar um enunciado parcialmente. Com essa nova característica adquirida, elas passam a expressar intersubjetividade apenas uma parte do enunciado escopado, considerada como aquela que o falante deseja atribuir maior ênfase.

Como resultado dessa mudança, as CPE figuram-se como mais (inter)subjetivas que as construções matrizes de que se originam, porque revelam, por parte do locutor, uma preocupação mais acentuada com a interpretação do destinatário em relação ao conteúdo informado. Nesse sentido, compreende-se que o processo de *construcionalização gramatical* defendido em Barbosa (2023) conduz as CPE à *paradigmatização*, ou seja, ao enquadramento dos seus usos na rede das construções adverbiais modais do PB.

Referências

- BARBOSA-SANTOS, L. A. *O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização*. Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019, 110 p. (Dissertação de Mestrado)
- BARBOSA, L. A. *Construções parentéticas epistêmicas do português brasileiro em perspectiva construcional*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2023, 155p.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI, 2000.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CARVALHO, C. S. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 27, n. 55, pp. 17-41, 2017.
- CASSEB-GALVAO, V. C. *O 'achar' no Português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. 167f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CASSEB-GALVAO, V. C. A atuação de mecanismos desencadeadores de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, pp. 44-59, 2º sem. 2000.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press. 2001.
- DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. *In: Special volume 1: Constructions all over – case studies and theoretical implications*. Dusseldorf, 2006.
- DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In: DAVIDSE, K. et al. (eds). Grammaticalization and language change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, pp. 111-131.
- FORTILLI, S. de C. *Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas no português brasileiro: gramaticalização e dessentencialização*. 2013. 163 f. Tese de doutoramento (Doutorado em Estudos Linguísticos). Unesp/Ibilce. São José do Rio Preto. 2013.
- GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: University of Chicago Press. 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press. 2006.
- GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de doutoramento, Unicamp, 2003.
- GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>.

GONÇALVES, S. C. L. Orações completivas em posição argumental de sujeito e o alçamento a sujeito sob perspectiva funcional. In: HORA, D.; PEDROSA, J.; LUCENA, R. (org.). *ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos*. João Pessoa: Ideia, 2015. pp. 367-417.

HOPPER, P. J. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistics Society, n. 13, pp. 139-157, 1987.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive Grammar: Theoretical prerequisites*. Standford: Standford University Press, 1987.

TRAUGOTT; E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (ed.) *Variation, Selection, Development- Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. pp. 219-250.

TRAUGOTT; E. C. The status of on set contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, M. (ed.). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi, pp. 221-255, 2012.

TRAUGOTT; E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.